Afeganistão: quando os fuzileiros navais cruzaram com um djim numa sala de aula



No sul do Afeganistão, soldados americanos afirmam que uma sala de aula «ganhou vida» à sua volta. Interrogado no dia seguinte, um mulá local não falou de um fantasma, mas de um djim. Investigação sobre uma região onde dois imaginários do invisível se encontraram.

Uma escola, um muro, uma noite

Como acontece muitas vezes, a história começa com um rumor. Um grupo de fuzileiros navais encarregado de guardar uma escola perto de Amir Aghah fica a saber, pelos moradores, que ali teriam sido assassinados professores durante o regime talibã. Nada do que se sabe da região torna a história inverosímil: o sudeste do Afeganistão conheceu quatro décadas de guerra, represálias e massacres.

Numa noite, os militares detetam um movimento junto ao muro de vedação. Garantem a segurança da zona e vasculham o complexo. Foi numa sala de aula, contam, que tudo se descontrolou: uma carteira cai e desloca-se pelo chão. Uma janela estilhaça-se. Nenhuma causa evidente é identificada.

«Não é um fantasma»

No dia seguinte, os fuzileiros questionam um mulá da região. A sua resposta não é a que os ocidentais esperam. Não fala de almas penadas de professores mortos nem de aparições de defuntos: fala de um **djim**.

Na tradição islâmica, os djins são seres de um mundo invisível, que a teologia designa por *al-ghaib*, «o invisível». Partilham o nosso universo sem serem percebidos e podem intervir, para o bem ou para o mal, na vida dos humanos. Uma aparição não é aqui a alma de um morto, mas uma presença de outra natureza.

Segundo os fuzileiros, os fenómenos não cessaram com esta explicação. Os móveis continuaram a mexer-se. Foram relatadas aparições. Vários militares disseram ter o mesmo sonho: eram perseguidos por uma silhueta escura.

© Activité-Paranormale 2009-2026

Cada um interpreta o inexplicável com as palavras que a sua cultura coloca ao seu dispor.

Amir Agha, terra ao mesmo tempo sagrada e amaldiçoada

Para compreender a reação do mulá, é preciso conhecer o lugar. A localidade de Amir Agha, no distrito de Garmsir (província de Helmand), deve o nome a um santo protetor. Um pequeno santuário é dedicado a Amir Hamza, apresentado pela tradição local como tio do Profeta e um dos seus comandantes mais fiéis, bem como a um dos seus descendentes, Amir Agha. O seu túmulo repousaria sob o edifício.

Para os habitantes, este lugar protege. O filho de um mulá de Garmsir contou a jornalistas que os blindados soviéticos lançados contra o santuário ficaram atolados na lama e que, em 1982, um foguete disparado contra o telhado teria desaparecido antes de atingir o túmulo, saindo por uma janela. Os destroços enferrujados dos veículos ainda estão espalhados pela região.

O guardião do santuário faz uma leitura mais sombria da presença americana: segundo ele, os militares vieram várias vezes à noite, obrigaram os aldeões a ficar em casa e levaram preciosas estelas de mármore gravadas com versículos do Alcorão. Uma profanação que teria desencadeado uma maldição. Importa precisar que se trata do seu testemunho, e não de um facto estabelecido.

OP Rock: a colina dos ossos

A mesma zona produziu a mais célebre história paranormal militar da guerra do Afeganistão: a do **Observation Post Rock**, conhecido como «OP Rock», a algumas centenas de metros da base de patrulha Hassan Abad. Trata-se de um monte de cerca de trinta metros, escavado por galerias desabadas e provavelmente preparado pelos talibãs.

Quando fuzileiros e soldados britânicos escavaram ali as suas posições, desenterraram ossos em grande quantidade. Os habitantes explicam que a colina serve de cemitério há séculos e que foi também palco de massacres durante a guerra soviético-afegã dos anos 1980.

Os testemunhos que se seguiram tornaram-se um clássico do género: luzes semelhantes a clarões de disparos sem qualquer detonação, interferências de rádio, bruscas mudanças de temperatura, pesadelos em série, paralisias do sono, sensação de estar a ser observado. Um fuzileiro afirma ter ouvido ao ouvido um sussurro em russo que significava mais ou menos «larga a arma». Até o cão adotado pelos soldados, batizado «Ugly Betty», ladrava a silhuetas que ninguém via.

O caso foi divulgado pelo *The New York Times* (artigo de Thomas Gibbons-Neff, publicado no fim de outubro de 2020) e adaptado na série americana *Paranormal Witness* (temporada 4, episódio «Beneath the Rock»). Um fuzileiro via no local um «canal» para atividade paranormal.

Impõe-se uma ressalva: o relato da escola de Amir Aghah e o de OP Rock são dois episódios distintos, ainda que ocorram na mesma zona. Sem data, sem unidade e sem relatório oficial, não conseguimos confirmar o episódio da carteira com um documento independente. Por ora, assenta no testemunho dos militares.

Ficha de síntese — reconstituição (apenas factos com fonte)

 © Activité-Paranormale 2009-2026

Dossiê: fenómenos relatados por militares ocidentais, zona de Amir Agha (Garmsir, Helmand)
Estatuto do documento: síntese redatorial, não um documento oficial
Elementos relatados (escola de Amir Aghah): movimento noturno junto ao muro; carteira derrubada; janela partida; móveis deslocados; aparições; sonhos recorrentes com uma silhueta escura.
Interpretação local: um mulá evoca um djim.
Elementos documentados (OP Rock): descoberta de ossos durante as obras de escavação; luzes, interferências de rádio, variações de temperatura, pesadelos; cobertura do *The New York Times* em 2020.
Elementos não estabelecidos: causa da janela partida e da deslocação dos móveis; realidade dos assassinatos de professores na escola; efeito de uma eventual «maldição» do santuário.

Duas gramáticas do invisível

É aqui que estas histórias se tornam indissociáveis do lugar. Um soldado americano chega com a sua própria bagagem cultural: o fantasma, a casa assombrada, o morto que regressa, alimentados pelo cinema e pelas lendas de caserna. Uma comunidade afegã dispõe de outro vocabulário: santos protetores, lugares sagrados, espíritos, djins. Um acontecimento perturbador é então lido pelos dois lados, cada um na sua língua.

O encontro é por vezes explosivo. No caso de Amir Agha, o mesmo lugar é visto como cemitério assombrado pelos fuzileiros, como santuário protetor pelos aldeões e como terra ultrajada pelo seu guardião. Como resume a Atlas Obscura, o espírito vingativo de uma cultura é o anjo da guarda de outra.

O olhar crítico: stresse, priming, sugestão

Os céticos têm argumentos sérios. Primeiro, as condições: isolamento, fadiga, falta de sono, tensão permanente, edifícios desventrados por anos de combates. Uma carteira que tomba ou uma janela que se estilhaça numa estrutura fragilizada podem ter causas banais (vento, assentamento, um animal, até uma presença humana), tanto mais que os militares acabavam de detetar um movimento junto ao muro.

Depois, os sonhos de perseguição por uma sombra. Lembram a paralisia do sono, estudada nomeadamente pelo folclorista David Hufford em *The Terror That Comes in the Night* (1982), que mostra que a experiência de uma presença ameaçadora no quarto surge em numerosas culturas, com roupagens locais. Dormir em grupo e contar as noites uns aos outros basta para propagar o mesmo motivo.

Por fim, o psiquiatra Anthony Feinstein (Universidade de Toronto), especialista nos efeitos psicológicos dos conflitos, explica a propósito de OP Rock que as alucinações não são, em si, um sintoma de stresse pós-traumático, mas que pessoas traumatizadas podem dissociar-se e viver perceções anormais. Sobretudo, descreve um mecanismo de **priming** (preparação): alguns soldados vivem uma experiência estranha e contam-na, e os seguintes chegam à espera de que algo aconteça. Isolados do resto do mundo, sem «teste de realidade» exterior, reforçam a crença. Compara o fenómeno às expectativas que rodeiam locais de milagres como Lourdes. Precisa, no entanto, que não pode fazer qualquer diagnóstico sem examinar um paciente.

Isto aplica-se também à explicação do mulá. Uma vez pronunciada a palavra «djim», ela passa a ser um quadro para interpretar o que se segue: um móvel que se mexe, um sonho, uma sombra. A explicação pode ter moldado a experiência tanto quanto o inverso.

O que se pode, e não se pode, afirmar

O que aconteceu naquela sala de aula? Ignoramo-lo. Os fuzileiros são sinceros, mas sinceridade não é prova. O mulá aplica uma leitura respeitável e coerente com a sua tradição, mas não verificável. E a psicologia do combate, embora ofereça pistas sólidas, não explica cada pormenor de um relato de que não temos o dossiê completo.

Fica uma lição: em tempo de guerra, homens de dois mundos partilharam o mesmo lugar e procuraram, cada um,

 © Activité-Paranormale 2009-2026

palavras para um mal-estar comum. Talvez todos estivessem confrontados com algo que nenhum compreendia e tenham simplesmente recorrido ao vocabulário cultural de que dispunham. Nesta região do «cemitério dos impérios», a fronteira entre a história, a memória e o sobrenatural continua extremamente ténue.

Lugar mal assombrado - November 15, 2026 - Wakonda - CC BY 2.5

 © Activité-Paranormale 2009-2026